

Suicídios na France Telecom: dirigentes ameaçados de processo por assédio moral

Por Emeline Cazi, jornalista do Le Monde

A reunião da direção da **France Telecom**¹ ocorrida na *Maison de la chimie* em 20 de outubro de 2006, em Paris, pretendia ser definitiva. Uma operação de motivação das tropas, como as grandes empresas sabem fazer. Os objetivos eram claros e o presidente Didier Lombard não teve pruridos em anunciá-los. A partir de então e nos três anos seguintes, 22 mil empregados deveriam sair da empresa e outros 14 mil mudariam de postos de trabalho. Ou seja, uma em cada três pessoas. “*Será um pouco mais dirigista que no passado*” admitiu Didier Lombard nesse dia, mas “*(as saídas) acontecerão de um modo ou de outro, pela janela ou pela porta*”. Em contrapartida, 6 mil novas pessoas serão admitidas.

Na reunião, ao lado do grande chefe, o diretor de recursos humanos Olivier Barberot opina. “Next”, o plano de reestruturação e sua vertente social “Act” são ambiciosos, é preciso se dotar de meios para alcançá-los.

As conseqüências da realização desses dois programas foram dramáticas. Sessenta pessoas se suicidaram em três anos, das quais 35 só nos anos de 2008 e 2009. Em setembro de 2009, o sindicato da empresa SUD-PTT apresentou queixa contra a direção, denunciando seus “*métodos de gestão de uma brutalidade extraordinária*”.

Durante quatro anos o ex-juiz de instrução Pascal Gand analisou milhares de e-mails, decifrou *power points*, interrogou dezenas de empregados e chefes. O inquérito terminou e o Ministério Público chegou às suas conclusões. No fim de um documento de 193 páginas, assinado em 22 de junho de 2016, o procurador da República de Paris é categórico: segundo ele, sete ex-diretores da France Telecom devem ser julgados pelo tribunal correccional.

Requisições inéditas

Se o juiz de instrução, que proferirá seu despacho em algumas semanas, seguir as recomendações do Ministério Público, o ex-número 1 da **France Telecom** (que desde 2013 mudou seu nome para **Orange**) Didier Lombard, seu braço direito Louis Pierre Wenes e o que foi diretor de Recursos Humanos, Olivier Barberot, serão acusados de “*assédio moral*”.

A mesma coisa acontecerá com a sociedade France Telecom, pessoa moral. Dois diretores regionais, Nathalie Boulanger e Jacques Moulin, assim como o diretor de Recursos Humanos da empresa Guy Patrick Cherouvrier e a ex-diretora do programa

¹ NT: a empresa foi privatizada em 2004.

“Act”, Brigitte Bravin-Dumont- deverão responder por “cumplicidade com o assédio moral”.

Tais requisições- *“que são apenas uma das etapas da instrução”*, como lembra Claudia Chemarin, advogada da empresa- são excepcionais na França. É ainda raríssimo, para não dizer inédito, que os mais altos dirigentes de uma empresa, que não eram responsáveis diretos pelos empregados, tenham que responder a atos de *“assédio moral”* diante de um tribunal e para tantos empregados.

Para o Procurador, trata-se sobretudo de julgar um sistema, o da *“cadeira vazia”*. Naqueles anos, na France Telecom, o assédio era um método. Os dirigentes eram formados para desencorajar suas equipes e os bônus deles dependiam disso. Cada nova saída de um empregado era uma promessa de aumento de prêmio no fim do ano.

Na França, porém, a lei é clara: quem *“assediar outros por atos repetidos cujos objetivos ou efeito é uma degradação das condições de trabalho”* é punido com um ano de prisão e 15 mil euros de multa, diz o artigo 222-33-2 do Código Penal. Se houver provas de que os atos foram cometidos com o objetivo de degradar as condições de trabalho de um ou vários empregados, o delito de assédio moral fica constituído. O Ministério Público diz possuir uma pletora de provas.

Sejamos claros, a justiça não reprova os ex-dirigentes da **France Telecom** por ter pretendido reorganizar a empresa para adaptá-la à era digital e do (quase) tudo móvel. *“O que está em causa é o modo pelo qual eles gerenciaram esta organização”*, explica o Procurador.

No curso da instrução, Didier Lombard e sua equipe jogaram com as palavras. Eles não contestam os números de 22 mil saídas e 14 mil mudanças de postos anunciados na *Maison de la chimie*, mas dizem que não se tratava de *“objetivos”* só de *“estimativas”*, *“trajetórias”*, afirmam eles.

Para o Ministério Público *“esta negativa não é séria”*. Pelo contrário, tudo prova que *“os objetivos da deflação e da mobilidade tornaram-se um fim em si, independente dos modos de obtê-los”*. Mas como *“a sociedade não levou em conta os alertas sobre o impacto”* das mudanças, *“não avaliou os riscos psicossociais”* esta defesa era a *“única possível”*, nota o Ministério Público. Quantas vezes, porém, os sindicatos, a fiscalização do trabalho, os médicos alertaram os dirigentes sobre o execrável clima de trabalho na empresa?

“Fazer as pessoas se mexerem”

O dossier do inquérito está cheio de documentos: quadros Excel, apresentações de power point- e de testemunhos dos empregados que relatam a crônica dessas saídas

forçadas. *“5 de janeiro de 2007, café da manhã Codir (...) RH, objetivos: atingir redução, por bem ou por mal”*, rabisca num caderno, por exemplo, Gervais P. diretor financeiro.

Em outro lugar, é uma anotação dirigida à Nathalie Boulanger falando sobre *“o decréscimo de 47 CD (pessoas com contrato de duração indeterminada) ativos (...) ou seja, 7 a mais do que o orçamento reperimetrado (...), o objetivo anual de 296 saídas está, portanto, em torno de 74%.”* Jacques Moulin tinha conservado em sua casa montanhas de documentos recapitulando *“para todas as diretorias(...) o cumprimento ou não dos objetivos de redução de efetivos”*.

Quantos chefes puderam resistir ou proteger suas equipes, quando tudo os empurrava para seguir o movimento? A remuneração deles estava indexada pelas saídas. E a escola de administração de Cachan, especialmente criada em 2005 e inteiramente consagrada ao projeto, os formava para *“fazer as pessoas se mexerem”*, com *“pressões por todos os lados”*. Mais de 4 mil dirigentes seguiam o curso a cada ano.

A mensagem tóxica passou; o método funcionou. Progressivamente e com segurança as condições de trabalho se degradaram. Tudo servia para constranger o pessoal. Colocar mães de família num local de trabalho situado a duas horas de viagem de suas residências, oferecer a um chefe responsabilidades nitidamente inferiores às que ele tinha precedentemente. Mas também, *“esquecer”* empregados por ocasião de uma mudança, deixá-los algumas semanas sem ter nada para fazer, sem cadeira e sem mesa, longe dos antigos colegas.

A situação parece grotesca e absurda mas Etienne e Vincent a viveram nos Hauts-de-Seine, como Guy, à Villeneuve-d’Ascq (Norte). Toda sexta feira a noite cada um esperava, temeroso, receber mais um email elogiando os benefícios de um posto no conselho geral ou um auxílio que poderiam receber se aceitassem ir trabalhar na apicultura.

No seu requisitório, o Ministério Público afirma que as vítimas podem ser mais numerosas que aquelas dezenas de pessoas que já se manifestaram perante a Justiça. *“Essas degradações diziam respeito a todos os empregados de todos os estabelecimentos do grupo nos quais a desestabilização dos empregados era procurada e praticada (...) propícia a acelerar a deflação dos efetivos e as mobilidades.”*

Dos 110 mil empregados que trabalhavam na então **France Telecom** *“certamente existem numerosas vítimas não identificadas”* continua o magistrado. *“Essa máquina era uma máquina de destruição maciça”*, conforme Jean-Paul Terssonnière, advogado do sindicato SUD-PTT. Na hipótese de um processo ser aberto, centenas de outros empregados poderão pedir uma indenização pelos prejuízos que sofreram.

Cronologia

- **Dezembro de 2009**
O sindicato SUD-PTT apresenta queixa contra a direção da France Telecom por “colocar em perigo a vida de outrem” depois da onda de suicídios que alcançou a empresa a partir de 2006. Um inquérito preliminar é aberto.
- **Abril de 2010**
Um juiz de instrução é nomeado.
- **4 de julho de 2012**
Didier Lombard, ex presidente da France Telecom (2005-2010) é acusado de “assédio moral”. Seu ex-braço direito, Louis- Pierre Wene e o diretor de recursos humanos Olivier Barberot são acusados do mesmo crime.
- **Dezembro de 2014**
Os juízes Pascal Gand e Aurélie Reymond estendem as acusações a quatro outros diretores, que são acusados de “cumplicidade com o assédio moral”.
- **22 de junho de 2016.**
O Ministério Público acusa sete dirigentes por “assédio moral” ou “cumplicidade com o assédio moral”.

Traduzido por de Leda Leal Ferreira. O texto original em francês foi publicado em 07/07/2016 no jornal **Le Monde** e está disponível em http://www.lemonde.fr/societe/article/2016/07/07/suicides-le-parquet-demande-le-renvoie-la-direction-de-france-telecom-pour-harcelement-moral_4965171_3224.html